

## **Cristiana Vasconcelos Rodrigues**

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Comparatistas

**Isabel Allegro de Magalhães, *Transversal mente. Literatura e Música*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2019, 123 págs, ISBN: 978-989-658-581-5**

Com o presente volume, Isabel Allegro de Magalhães tenta “dar conta de algumas das possibilidades de ligar ou conjugar um texto verbal e um musical.” (p.7), desdobrando este exercício por onze casos de estudo, não sem antes apontar de forma muito breve para as várias possibilidades (e dificuldades) de cruzamento entre música e literatura (“Literatura e Música. Relações de Possibilidade”, pp.9-15).

Do conjunto apresentado, há cinco ensaios e seis comentários breves, sendo que um dos comentários breves assume uma dimensão ensaística, na descrição prévia feita pela própria autora. O olhar analítico de Isabel Allegro de Magalhães começa por ponderar a pertinência da presença do texto musical no texto verbal, buscando sempre a camada de leitura ou de decifração que aquele poderá acrescentar a este último, sendo que, em alguns dos casos e onde o texto literário o exige, há também um mergulho analítico na peça musical, geralmente quanto à sua construção ou forma, num esforço de descrição de eventuais afinidades. Sem nos estendermos em demasia sobre cada um dos onze contributos, podemos descrever este exercício como multifacetado, reflectindo também a diversidade dos objectos de estudo. Vemos em alguns dos estudos a procura de analogias entre a construção tanto do texto verbal como do musical, à luz de formas mais ou menos consagradas do repertório dito tonal e atonal (usando duas designações possíveis, mas não exclusivas); noutros casos sobressai a música como metáfora na expressão literária; noutros ainda trabalha-se a recepção pelo poeta de certas peças musicais ou compositores; e finalmente vemos o confronto formal de peças de música com textos literários que as citam, buscando-se os motivos para

esta citação. A nosso ver, este exercício teima em descrever o modo como cada parte confrontada acontece à superfície do tratamento formal do seu assunto ou tema, demorando-se por vezes na exploração de questões formais que levam o olhar analítico a concluir sobre o que é díspar e impossível de confrontar. Na verdade, em cada uma das propostas de Isabel Allegro de Magalhães há pontos de encontro entre literatura e música, sendo necessário um aprofundamento do olhar analítico, afastando-se das questões formais e concentrando-se no gesto expressivo tanto de poetas como de compositores (mesmo aprofundando questões estilísticas e retóricas, digamos). Com isto queremos dizer que, apesar da divergência formal (não tanto temática) de alguns dos enunciados, eles confluem, contudo, numa iluminação mútua, ou pelo menos o encontro opera-se, definitivamente, no acolhimento pelo texto verbal do texto musical, funcionando este último como uma chave de leitura que adensa a expressão literária. Sendo inegável que literatura e música são artes do movimento, do tempo e do ouvido (apesar das muitas divergências formais que devem, sobretudo, à especificidade da sua linguagem), facilitando de certo modo a nossa tarefa no seu cruzamento, importa sempre perguntarmo-nos acerca do poder que ambas exercem sobre o nosso próprio instrumentário analítico e acerca dos pré-conceitos com que partimos para a nossa tarefa. Num segundo momento do cruzamento entre literatura e música, importa rever o modo como, em ambos os campos, certos repertórios são geralmente recebidos e catalogados, com o objectivo de os desinstalar de uma arrumação que por vezes impede novas camadas de sentido sobre os mesmos. Em relação a certos estudos apresentados neste volume importa responder a questões como: até que ponto o texto se deixa transformar pela música que evoca ou convoca, e, no sentido inverso, até que ponto a música deve uma nova camada de sentido ao texto que a ela faz referência... Uma outra questão diz respeito ao que se afirma ser possível ou não numa e noutra arte, sendo que a fixação dos limites pode sempre ser revista na oportunidade do confronto aqui praticado; por exemplo, sobre as possibilidades da polifonia nos textos literários, ou sobre a densidade expressiva que um texto literário possa dar a uma determinada peça musical.

“Mesmo se as artes, das mais antigas às mais recentes, dão seguramente forma à dimensão mais elevada do ser humano, ao seu grau maior de excelência, enquanto procura de transcendência, do sagrado, do Absoluto, a música excede o formulável, apontando ao Indizível. Ela é talvez a mais ampla respiração do humano.” (p.7) Estas palavras, que encontramos na “Nota Liminar” (pp.7-8), falam-nos desde logo de uma visão da música que é preliminar e que subjaz ao encontro entre literatura e música experimentado neste livro. A autora assume uma percepção da música como “a arte das artes” (p.7), percepção esta que reflecte uma das visões mais comuns no modo de nos aproximarmos desta arte, intimamente ligada ao eterno debate – filosófico, mas também estético – sobre a faculdade da música para exprimir ou significar. Por outras palavras, é desde sempre a ponderação sobre a relação entre o carácter abstracto ou imaterial do objecto artístico musical, à superfície da sua apresentação (partitura, mas também execução), e a sua inegável capacidade para exprimir ou causar emoções, a montante e a jusante do mesmo; esta questão é talvez das mais intrigantes e comuns acerca da arte musical, por comparação a todas as outras artes.

A par deste pressuposto acerca da música enquanto arte, Isabel Allegro de Magalhães introduz um outro sobre o encontro de literatura e música, falando de três elementos que deverão estar presentes no cruzamento das duas artes: o ouvido, “um exercício específico da memória”, e com eles, “um certo modo de percepção – intuitiva, até inconsciente, no início – de uma diversidade de sintomas” (p.12). A autora propõe-nos, assim, uma leitura dos textos literários seleccionados (todos de autores portugueses, exceptuando um, e todos sem excepção de autores da segunda metade do século XX e da contemporaneidade) a partir do seu cruzamento com determinadas peças musicais (de compositores não portugueses e de tempos muito diversos, entre o século XVIII e os nossos dias), localizando afinidades que habitam um espaço de certo modo alheio tanto à análise literária como musical, muito embora ambas se pratiquem até ao ponto onde tal exercício se considera necessário e pertinente. Este espaço privilegia a sensação, digamos, como órgão principal de aferição dessas mesmas afinidades, o que leva Isabel Allegro de Magalhães a, por vezes, nos lembrar, em tom de ressalva, que o ensaio de cruzamento que nos apresenta se assume

como resultado de um critério analítico pessoal sediado, precisamente, no universo do ouvir, da memória e da intuição próprios da autora. Ou não leríamos, a propósito de Manuel Gusmão cruzado com Gubaidulina, Mahler e Bach, um trecho que consideramos válido para os restantes estudos apresentados neste livro: “A natureza das relações inter-artes nestes textos não permite, porém, o rigor de uma descrição, mas apenas o comentário de uma construção de equivalências intuídas ou pressentidas.” (p.38)

Assim, o leitor desta colectânea de ensaios e comentários confronta-se com a convivência de dois aspectos diversos, mas não incompatíveis, no discurso que faz encontrar literatura e música: por um lado, o aspecto de uma intuição apurada no encontro que tece entre os dois mundos, e que se explora de modo aturado e voluntário para aferir conclusões surpreendentes e interessantes sobre este mesmo encontro; por outro, o aspecto de uma certa especulação nas conclusões que se extraem em alguns dos casos, e que resulta, ela própria, de uma leitura por vezes forçada de ambos os textos – verbal e musical –, procurando afinidades onde estas são difíceis de localizar ou se constatarem como impossíveis, como já referimos acima. Inegável é o domínio analítico de tanto literatura como música por parte de Isabel Allegro de Magalhães, que, por uma oportuna questão de coerência e rigor científico, não desvia a sua perspectiva do caso de estudo literário e das matérias que nele se afiguram pertinentes para análise – traçando um caminho que parte da literatura, para a ela regressar, depois do confronto com a música. Que este exercício “amplifica” ambas as artes num “lugar novo” (p.12) a partir do qual elas são perspectivadas, não há dúvida; é um exercício comparável a sabermos extrair os benefícios do lugar a partir do qual nos propomos debater ou estudar uma questão, argumento que é talvez mais evidente nos estudos comparados e inter-artes, mas não exclusivo deste campo. Com este livro Isabel Allegro de Magalhães aponta de modo arrojado e ainda algo inédito entre nós para a fixação desse mesmo lugar.